

JULIANA PARRINI

se
Novamente
Você



Copyright © by Juliana Parrini, 2016

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Diana Cordeiro

Imagens de capa

Fundo: Triff/ Shutterstock

Casal: Kjpargeter/ Shutterstock

Coqueiros: OK-SANA/ Shutterstock

Edição

Roberta Pantoja

Revisão

Ana Luiza Couto

Luciana Baraldi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Parrini, Juliana

Novamente você / Juliana Parrini. – 1ª ed. – Rio de Janeiro : Suma de Letras, 2016.

ISBN 978-85-5651-013-6

1. Ficção – Literatura juvenil I. Título.

16-04157

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Cosme Velho, 103

22241-090 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 2199-7824

Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

*Que a felicidade não dependa do tempo, nem da paisagem,
nem da sorte, nem do dinheiro. Que ela possa vir com toda
simplicidade, de dentro para fora, de cada um para todos.*

CARLOS EDUARDO DRUMMOND

MIAH/MARIA RITA

O balançar da barca não deveria me enjoar tanto, o movimento do mar deveria estar no meu sangue. Mas, infelizmente, meu estômago está embrulhado. Não sei se é por causa do vaivém ou do nervosismo de estar cada vez mais perto.

Sabe quando você ainda é criança e seus pais te obrigam a fazer algo que não quer? É um sentimento parecido com o que estou tendo agora. Eu não queria estar aqui, não queria voltar e encarar tudo.

Levanto e corro para a proa, segurando no corrimão da barca. Fecho os olhos e respiro fundo. Estou suando frio e a brisa do mar bate em meu rosto.

Eu tinha certeza de que nunca mais voltaria. Ledo engano. Aqui estou eu, de volta ao único lugar no mundo pelo qual tenho aversão.

Minha vida era perfeita em Santa Mônica, eu vivia rodeada por pessoas importantes e frequentava inúmeros jantares e eventos com os famosos de Hollywood. Encontrei personalidades que jamais imaginei conhecer quando vivia neste fim de mundo. Aprendi a ser uma dama e a me comportar como uma socialite americana. Mas agora nada disso importa, porque estou voltando à estaca zero.

Abaixo a cabeça e a seguro entre as mãos, tentando acalmar minha inquietação.

— Senhorita... — Uma voz rouca chama minha atenção, interrompendo meus pensamentos.

— *Hi*. — Sacudo a cabeça. — Não está mais nos Estados Unidos, sua anta! — Praguejo baixinho e apenas aceno com a cabeça, forçando um sorriso para o senhor franzino e de olhar pesaroso parado à minha frente.

— A senhorita está bem? Eu te vi correndo aqui para fora, precisa de ajuda?

— Eu estou bem, ok? — Franzo as sobrancelhas sem dar muita trela para ele. Tinha me esquecido do quanto os brasileiros podem ser solícitos.

— Ó, não fique com a cabeça abaixada, costuma piorar o enjoo. Nessa época o mar fica agitado, por isso sacode tanto — explica o senhor, como se eu não soubesse.

— Se eu estivesse no comando, conduziria esta joça sem balançar tanto. Onde já se viu?

O senhor apenas assente e volta para dentro da barca.

Nasci neste lugar, ora bolas! Olho para meu figurino: um vestido Calvin Klein de seda nude, transpassado, na altura dos joelhos, minha bolsa Capucines Louis Vuitton e um sapato Louboutin com a sola vermelha laqueada que pode ser vista de longe. É, eu não estou parecendo uma minhoca da terra, mas também estou longe de ser a Mrs. Madsen da Califórnia.

O que estou fazendo aqui? Cubro a boca com as mãos e encaro o mar com a lua cheia ao fundo. Se eu fosse do tipo que chora, com certeza já estaria derramando lágrimas, mas não, eu não choro. Respiro fundo e me recomponho. Logo a barca ancorará no porto da pequena Vila do Abraão, em Ilha Grande, minha terra natal, o lugar que abandonei há doze anos, convicta de que jamais voltaria. Infelizmente, nada saiu como planejado.

Não é hora de pensar nisso, afinal eu já quebrei a cabeça formulando outras alternativas, mas esta era a mais adequada. Precisava ver meu pai antes de sumir no mundo.

Uma pontada de dor percorre meu corpo quando vejo a ilha iluminada. Apesar de não querer voltar a pisar ali, eu tremo de ansiedade, pois verei meu pai depois de um longo tempo.

Volto para o interior da velha embarcação e encaro os poucos passageiros; nenhum rosto conhecido. Eles me olham de cima a baixo, bastante espantados. Nunca devem ter visto uma mulher tão elegante na vida. Ô, povo ignorante!

Retiro o celular da bolsa e vejo que já são quase onze horas. Vou pegar todos dormindo, tenho certeza. Esse pessoal madruga, acordando na hora em que eu costumo ir para a cama. E vão dormir cedo demais!

As luzes ficam mais próximas e penso em quantas delas não existiam quando parti.

A barca chega ao seu destino. Primeiro, espero todos descerem. Minhas pernas estão bambas. Se pudesse fazer um pedido, um único pedido, eu desejaria sumir deste lugar.

Estufo o peito e ando calmamente, puxando minha mala de rodinhas pelos cais de madeira, que não é da minha época. Levanto a cabeça e paro abismada ao constatar as novas construções e as mudanças da vila. Quem diria, até neste fim

de mundo! Respiro fundo e continuo a caminhar, até que sinto meu pé prender em algo.

— Ai! — grito quando caio no chão.

Olho o sapato e quase infarto ao perceber que o salto quebrou ao prender no vão entre as tábuas do cais. *Como se meu azar fosse pouco!* Esta viagem já começou bem, comigo perdendo um dos meus Louboutins favoritos.

— A senhorita está bem? — Ouço a voz do senhor novamente.

Ele se agacha e pega meu braço, mas eu puxo de volta, com força, ao sentir sua mão.

— Já disse que estou bem! — falo grosseiramente.

— Mas seu joelho — responde ele, ainda abaixado, apontando para minha perna.

— *Holy shit!* — xingo ao ver meu joelho sangrando.

— Tem certeza de que não precisa de ajuda? Eu posso fazer um curativo — pergunta o senhor, se levantando.

Eu me ergo como posso, segurando o sapato. Procuro o salto e não encontro. Ah, com a sorte que estou, ele provavelmente caiu no mar ou criou asas e voou.

— Senhorita?

— Não preciso de ajuda, ok? Estou indo pra casa da minha mãe e lá deve ter alguma coisa pra fazer um curativo. Pelo menos, espero que sim.

Sinto o joelho arder com o sangue escorrendo. Abro a bolsa, pego um lenço e passo para limpar o machucado, fazendo careta. Seguro a mala e o homem continua ao meu lado.

— O senhor ouviu o que eu falei ou é surdo? — pergunto, já irritada com a gentileza dele.

— Desculpe, senhorita — murmura ele, antes de sair da minha frente.

Continuo andando e amaldiçoando o dia em que tudo começou a dar errado. *Eu tinha que ter dado um jeito, eu tinha... tinha... tinha.*

Caminho até minha antiga rua, que agora tem calçamento de paralelepípedos. Cada uma das ruas está sinalizada com placas, tudo bastante organizado. Ainda bem que alguém prestou atenção neste fim de mundo.

A vila está deserta, as pessoas que desembarcaram comigo desapareceram e me vejo sozinha sob a escassa claridade dos poucos postes.

— Ué, a rua acabou? — Fico intrigada ao não encontrar a casa da minha mãe. Refaço o percurso prestando mais atenção, cambaleando por conta do salto quebrado. Talvez ela tenha feito uma reforma.

Volto toda a rua e nada: a casa não está mais ali. Onde deveria estar a residência dos meus pais, vejo uma nova construção com uma pequena placa na porta que diz:

Aaargh! Minha mãe vendeu a casa?! Espero que tenha comprado uma melhor, porque aquela já estava mesmo caindo aos pedaços. Sem falar que era mínima, mal comportava uma pessoa, imagina uma família de cinco?

Depois de percorrer o trajeto pela terceira vez, paro em frente a uma casinha que tenho certeza de ser a da dona Sandra, uma professora aposentada que vivia sozinha. A casa está diferente, pintada com um tom de laranja, e só a reconheço pelo estilo antigo das janelas ovais.

Já que a casa dos meus pais não existe mais, resolvo bater na da dona Sandra. Toco a campainha várias vezes. *Porcaria de povo que dorme cedo!*

Na quarta vez, uma mulher atende.

— O que está acontecendo? — pergunta a mulher com a cara inchada e de pijama. Sabia!

— Eu queria falar com a dona Sandra — respondo, arrogante.

— Dona Sandra? Não tem nenhuma Sandra aqui não, moça — explica a mulher, bocejando.

— Como não? Ela mora aqui.

— Aqui?! Não... Não.

— É óbvio que mora. Eu quero falar com ela agora mesmo — digo, já nervosa com a situação.

— Você está me chamando de mentirosa? — pergunta ela, arregalando os olhos.

Bufo e me viro. Essa mulher não sabe de porra nenhuma.

— Ei! — chama a mulher. — Você está falando da dona Sandra, a professora?

— Sim. Agora me diga logo onde essa mulher mora.

— Você está bem desatualizada mesmo. Comprei essa casa há dez anos, depois de ela falecer. Satisfeita? Sua mal-educada! — Ela pragueja e logo fecha a porta na minha cara.

Dona Sandra morreu? Também, pudera, ela tinha na época uns setenta e cinco anos, talvez mais. Não deveria me surpreender. Penso em voltar à casa da mulher para pedir mais informações, mas sinto que não serei bem-recebida.

Sigo em direção à rua principal. Olho ao redor e vejo que está deserta, sem vitalma. *Meu Deus, o que vou fazer agora?*

Caminho na ponta dos pés, por causa do salto quebrado. *Jamais descerei do salto, jamais!*

Encontro um banco à beira-mar e me sento para esperar alguém passar. Preciso descobrir onde a porcaria da minha família se meteu.

2

LEONARDO JÚNIOR

— Judith, o café está maravilhoso, a mesa está linda. Continue assim, querida! — elogio minha funcionária, que abre um sorriso. — Ivone, o quarto número cinco pediu pra limpeza ser feita ainda pela manhã. Pode colocá-lo em primeiro lugar, por favor?

Ela assente.

— Por isso que te amo — digo, sorrindo.

— Vai te catar! — responde ela, rindo e saindo de fininho.

Dou instruções a cada um dos meus funcionários todas as manhãs, para que minha pousada seja a melhor da ilha.

— Você viu a hóspede que acabou de sair? Uaaaau! — fala Juan, com seu sotaque peculiar, entrando na cozinha e pegando uma maçã em cima da mesa.

— Toma juízo, cara! Cadê a deusa de Angra?

— Ah, não deu certo. Grudenta demais, sabe? Tô fora de mulher chiclete.

Solto uma gargalhada. Como se eu não conhecesse meu amigo. Ele jamais me contaria se tivesse levado um pé na bunda; faz jus à fama de pescador. E ainda por cima é argentino.

Conheci Juan há quase dez anos, em um momento não muito bom da minha vida. Apesar de ser um malandro mentiroso, ele é um bom amigo. Veio conhecer a ilha como turista e nunca mais foi embora. Começou a trabalhar comigo no meu barco pesqueiro e, quando abri a pousada, virou meu braço direito no ramo da pesca.

— Você não deveria estar em alto-mar? — questiono, enquanto ele morde a maçã.

— Deveria, mas deixei o Firmino responsável hoje. Sabe como é, minha lombar anda me matando.

— Sei — falo com ironia, enquanto ajudo Judith a preparar o suco de laranja para os hóspedes. — Não me parece tão mal. Aliás, me parece cem por cento.

— Qual é, Léo? Um diazinho de folga não mata ninguém, vai! — diz Juan, revirando os olhos.

— Você já ouviu aquele ditado “O olho do dono é o que engorda o boi”? Então, até parece que você não aprendeu isso comigo.

— Você é muito chato!

— Então chispa daqui e vai trabalhar, vagabundo!

— Tio, tio, tio! — grita Téó, meu sobrinho de dez anos, correndo cozinha adentro com um pique que só ele possui.

— Caramba! A essa hora da manhã já com essa agitação toda? O que deu em vocês hoje? — pergunto olhando a euforia do meu sobrinho. — O que houve, moleque?

— Uma coisa muito engraçada. Uma mulher que parece uma boneca.

— Já pensando em mulheres, pirralho? — debocha Juan.

— Não é isso! — fala o menino, emburrado. — Odeio as meninas!

— Quero ver daqui a alguns anos! — Eu e Juan sorrimos. — Fala logo, Téó, o que tem a mulher?

— Ela está dormindo no banco em frente ao cais. E babando, eca!

— Deve ser uma turista bêbada.

— Ela parece aquelas mulheres da televisão. E está dormindo com uma mala gigante. É engraçado.

— Hm, essa história tá começando a ficar interessante — comenta Juan, cruzando os braços.

— Ninguém dorme na rua nesta ilha, Juan. Vou ver se ela precisa de ajuda.

— Meu tio é foda!

— Téó, o que eu te falei sobre palavrão? Vou colocar pimenta na sua boca!

— Desculpa, tio — pede o menino, de cabeça baixa.

Lavo as mãos e enxugo no pano de prato. Pego meu boné na maçaneta da porta e saio da cozinha, seguindo meu sobrinho.

— Ei, espera! Vou com vocês! — berra Juan, surgindo ao meu lado. — Essa eu não perco por nada.

Olho para o meu amigo, desaprovando sua atitude.

— O que foi? Mulher que parece uma boneca, artista de tv, dormindo no banco do cais... É, no mínimo, curioso. Vai que ela precisa de uns peixinhos, ou de alguns cuidados especiais, hein?

— Você não presta, cara! — falo, rindo.

— Como se você fosse santo, Leonardo Júnior.

— Chega! Vamos lá ver a moça.

De longe, eu vejo a enorme mala com um sapato de sola vermelha em cima. Chegando mais perto, vejo a moça deitada sobre a bolsa com os cabelos castanhos encobrindo o rosto.

— Senhorita? — chamo a moça, e nada de ela se mexer.

— Será que ela morreu, tio?

— Não, ela está dormindo. Senhorita?

Olho para meu amigo.

— Que gata — sussurra ele.

Peço com o olhar que ele cale a boca. Seguro o ombro da moça e sacudo.

— Ei!

A mulher começa a se remexer e solta um gemido.

Assim que ela movimenta os braços, o cabelo que cobria o rosto cai para o lado, e eu me surpreendo com a visão à minha frente.

— Puta que pariu!

— Tioooo, não pode falar palavrão!

A mulher se espreguiça sem abrir os olhos. Quando dá por si, ela se senta rapidamente, segura a bolsa, ajeita o cabelo e a roupa. Eu continuo atônito, sem reação, completamente paralisado. A merda do meu coração começa a bater como se fosse bateria de escola de samba, meu corpo treme e minha fúria é tão grande que a vontade que tenho é de agarrar o pescoço dessa mulher e esganá-la.

Ela pega um lenço branco na bolsa, passa pelo rosto e pescoço, depois pega um pequeno espelho e se olha.

— *Oh, Gosh, I'm awful!*

Quando ela enfim olha para nós três, parados à sua frente, se assusta e para os olhos em mim, com as sobrelanceiras franzidas.

É inacreditável ter esses olhos verdes me encarando, depois de tantos anos.

— Leonardo — murmura ela com a voz que por tantos anos insistiu em permanecer na minha cabeça.

O que essa mulher está fazendo aqui?

O que eu jamais poderia imaginar está acontecendo: ela voltou da mesma maneira que foi embora. Do nada.

Vejo uma mulher completamente diferente diante de mim; o corpo mais magro do que antes e os cabelos lisos na altura dos ombros. Nunca a havia visto mais maquiada na vida. Olhando para seu rosto, eu tenho a confirmação de que a imagem na minha cabeça correspondia exatamente à realidade. Depois de tantos anos, começamos a esquecer o rosto das pessoas, mas o dela foi simplesmente impossível de apagar.

Ainda não consigo falar nada, e sinto os dois ao meu lado me encarando.

— Você conhece essa mulher? — pergunta Juan com um sorrisinho sacana.

— Cala a boca, Juan!

Ela olha meu amigo de cima a baixo e faz cara de nojo.

— Onde eles estão? — pergunta ela, com petulância.

— Eles quem? — questiono, franzindo a testa com a sua cara de pau.

— Como “quem”? Meu pai, minha mãe, minhas irmãs? — responde ela, ríspida, apontando para sua antiga rua.

— Eles não moram mais ali.

Cruzo os braços, tentando entender por que ela voltou desse jeito, e sem avisar ninguém. *Cara de pau é pouco!* No fundo, gosto de vê-la na situação em que se encontra, dormindo no banco da vila. Sinto uma felicidade perversa ao vê-la nessas condições.

Ela se agacha e pega a mala de rodinhas.

— Me leve até a casa deles agora mesmo, Leonardo Júnior.

— Tio, essa mulher está sendo grossa.

— Tio? — Ela olha o menino e de volta para mim. — Ricardo não perdeu tempo, não é mesmo? — comenta maliciosamente.

Os sentimentos do passado afloram. Eu não consigo aguentar essa grosseira, ainda mais perto do meu sobrinho.

— Não fala do Ricardo, ouviu bem? — digo alto, me aproximando de seu rosto.

Ela levanta os olhos e me encara, dando de ombros.

— Vai me levar até eles, ou vou ter que procurar sozinha?

— Eu deveria deixar você procurar sozinha, mas não, faço questão de te levar até lá.

Eu me viro e caminho ao lado de Téó e Juan, que ainda estão sem entender nada.

— Ei! — grita ela. — Dá pra você levar minha mala?

Eu me viro para ela.

— Deixa eu ver... Não! — E volto a caminhar.

— Deixa que eu te ajudo! — diz Juan.

— Juan!

— O que é? Não posso ver uma mulher tão linda como essa pedindo ajuda. Meu coração é mole, amigo!

Ao ouvi-lo, ela sorri para ele, que já nem lembra mais a cara de nojo que ela fez alguns minutos antes. *Cretina!*

Caminhamos de volta para a minha pousada e, assim que entramos, ela fala:

— Pousada Beira-mar? O que você está fazendo me trazendo a uma pousada?

Juan abre a boca, mas logo o impeço.

— Você vai ver.

Atravessamos toda a pousada e vamos até o sobrado dos fundos, pintado de amarelo, com janelas de madeira.

Abro a porta da casa e ela continua com o mesmo semblante, sem abaixar o nariz.

— Dona Amélia! — chamo, observando como ela olha ao redor.

— Léo? O que houve? Por que está... Ahhhhhhhh! — grita ela ao nos ver, deixando cair uma travessa de vidro, que se espatifa no chão em milhares de pedacinhos.

Ao reconhecer sua primogênita, dona Amélia não acredita no que vê. A filha que abandonou tudo de uma hora para outra e foi embora sem nem olhar para trás está de volta.